

# Melhora ambiente econômico nacional

LUIZ OSVALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

O ambiente econômico na América Latina manteve-se favorável pelo sétimo trimestre consecutivo, conforme pesquisa conjunta do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de Munique (Ifo) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV). No estudo, feito em 12 países, o Brasil aparece na quinta posição em abril, empatado com o Chile, atrás de Uruguai, Peru, Costa Rica e Argentina (leia quadro). A colocação nacional melhorou, pois o país é o sétimo na média dos últimos 12 meses.

Para chegar ao resultado, os pesquisadores ouviram executivos e especialistas econômicos de cada país sobre a situação atual dos negócios e as perspectivas para os próximos seis meses. No geral, a avaliação é de que, à despeito de contrastes entre os países analisados, a heterogeneidade vem diminuindo.

Além disso, pesou a influência positiva do cenário internacional, como o elevado grau de

## RANKING

Índice de clima econômico (abril/07)

Em pontos

Uruguai	8,5
Peru	7,8
Costa Rica	7,4
Argentina	7,0
<b>Brasil</b>	<b>6,4</b>
Chile	6,4
Colômbia	6,2
<b>América Latina</b>	<b>5,8</b>
México	5,2
Bolívia	5,0
Paraguai	5,0
Venezuela	5,0
Equador	3,3

Fonte: Ifo/FGV

liquidez, a melhora dos indicadores de vulnerabilidade externa dos emergentes, e os superávits comerciais devido à valorização dos preços de commodities agrícolas e minerais, relevantes para os países latinos. Segundo a economista da FGV Lia Valls, a

posição da economia brasileira é fruto da menor dependência do setor externo, além de uma taxa de crescimento inferior aos outros países e a ausência de reformas vistas como essenciais.

No país, embora as commodities sejam importantes na pauta exportadora, representam cerca de 40% das vendas externas — diferente de alguns vizinhos latinos, que têm exportações concentradas em artigos básicos. “Para esses países, menores territorialmente, é muito mais fácil uma melhora no PIB do que para o Brasil”, afirma Lia Valls.

Ela também citou pontos de estrangulamento do Brasil, como a necessidade de energia elétrica e das reformas estruturais, como a tributária. “As reformas são uma questão estrutural e conjuntural, que está no debate do dia-a-dia. As empresas reclamam dos tributos, do câmbio”, afirma. Os especialistas consultados sobre o Brasil apontaram o déficit das contas públicas, a falta de competitividade internacional das empresas e o desemprego.